



Individualização juvenil: um estudo em trajetória entre (ex) moradores de repúblicas estudantis

Manuela V. Blanc¹

RESUMO

Este artigo analisa as trajetórias de jovens (ex) moradores de repúblicas universitárias e o processo de individualização experimentado a partir do seu afastamento do núcleo familiar. Foram retomados dados coletados em pesquisas realizadas entre os anos de 2005 e 2009 entre jovens então moradores de repúblicas universitárias e acompanhados os processos subsequentes de retorno às moradias familiares ou constituição de habitações individualizadas entre integrantes de uma das redes de relações anteriormente analisadas. Foi possível observar a partir da retomada do trabalho de campo como o retorno à casa familiar implicou em um processo de estagnação ou recuo ao processo de autonomização individual, enquanto a permanência na cidade de realização do curso de graduação e/ou a continuidade dos estudos favoreceu a sua intensificação.

Palavras-chave: Repúblicas estudantis, individualização, redes de relações, família.

Recebido em 27/03/2015
Aceito para publicação em 09/05/2016

Introdução

Este artigo se propõe a exercitar uma revisão analítica das formas de sociabilidade e construção identitária de jovens que vivenciaram o afastamento geográfico de seus núcleos familiares em função da entrada na universidade e estabeleceram moradias coletivas, ou repúblicas universitárias. Objetiva-se remontar as suas experiências durante este período, percebidas como centrais

¹ Bacharel e mestre em Ciências Sociais (UENF e PPCIS/UERJ respectivamente), doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro com estágio doutoral na Université Paris-Ouest - Nanterre La Defense. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - Universidade Vila Velha, Vila Velha.

aos seus processos de individualização, bem como acompanhar as suas trajetórias desde então, buscando traçar algumas considerações sobre os efeitos das experiências vividas ao longo do tempo.

Partindo dos dados obtidos entre os anos de 2004 e 2009 entre estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (cidade de Campos dos Goytacazes – RJ), busco recompor as trajetórias de parte dos meus interlocutores de pesquisa, sobretudo dos integrantes da rede de relações observada na segunda fase de coleta de dados, com vias a avaliar a sua trajetória de individualização até os dias atuais².

Entre aqueles que se mantiveram na cidade após a conclusão do curso de graduação e os que não o fizeram, diferenças significativas foram identificadas, apontando para uma tendência nesse segundo grupo em retornar para as suas cidades de origem e, ocasionalmente ou ao menos inicialmente, a coabitar com seus pais e responsáveis. Assim objetiva-se reconstituir essas trajetórias como exemplos contrastantes e elucidativos quanto aos projetos de autonomização que podem favorecer em cada caso e segundo diferentes experiências.

Em um primeiro momento, e apreendidos como eventos ímpares, o afastamento do núcleo familiar seguido pela formação de moradias coletivas demonstraram potencializar não apenas o estabelecimento de novas formas de sociabilidade, bem como a reconfiguração das relações familiares. Evidências reforçadas no que se refere ao processo de construção de identidades³ juvenis,

² Dezenove estudantes foram entrevistados no total, somadas as duas fases de coleta de dados. Durante a segunda fase, optei por entrevistar jovens integrantes de diferentes repúblicas, partindo de um grupo e me estendendo a partir dos contatos de proximidade estabelecidos pelas suas três integrantes, selecionando um jovem de cada uma das moradias coletivas que compõem a sua rede de relações, com exceção apenas de um caso, em que dois rapazes membros de uma mesma república foram entrevistados. Foi considerada relevante para a seleção dos entrevistados uma relativa recorrência na participação desses jovens em diferentes atividades coletivas de lazer e/ou estudo. Portanto, a rede foi selecionada segundo o estabelecimento de contatos de tipo “close-knit”, em que há muitas relações em torno das unidades componentes (diferentes integrantes ou pontos de integração) de uma determinada rede (BOTT, 1971). A atividade de observação se ampliou no interior deste grupo, envolvendo potencialmente todos os seus membros, selecionados para as entrevistas ou não. Do mesmo modo como a análise desenvolvida na pesquisa (BLANC, 2009) ultrapassa os dados obtidos diretamente em entrevistas, os estudantes cujas trajetórias serão aqui remontadas não foram necessariamente entrevistados diretamente naquela ocasião. Assim como nossas conversas informais e os dados coletados a partir da observação de inspiração etnográfica constituíram a base de dados anteriormente utilizada, suas trajetórias são igualmente aqui remontadas, em conjunto com aquela dos seus demais colegas, anteriormente formalmente entrevistados.

³ A noção é aqui entendida como uma construção dada a partir de dimensões ao mesmo tempo subjetivas e coletivas, num contexto sempre relacional, tanto no que se refere a outros sujeitos

cujos referenciais demonstraram se estender das unidades de moradia à instituição de ensino, passando pelos espaços públicos de sociabilidade inseridos em circuitos de lazer típicos a tais redes de relações (BLANC, 2009). Tais eventos trataram de potencializar não apenas processos de autonomização como de diferenciação individual entre os jovens entrevistados.

Observa-se em um segundo momento que, assim como o afastamento com relação às redes primárias de sociabilidade implicara em uma reformulação das relações estabelecidas em seu seio, a transição para uma segunda fase, caracterizada pela dissolução das moradias coletivas e a nuclearização das habitações, está marcada por permanências, seja em termos objetivos ou subjetivos, para aqueles que optaram por permanecer no novo espaço de moradia. Prosseguir com os estudos, principal elemento motivacional dos meus interlocutores em se manter na cidade de Campos dos Goytacazes após a conclusão da graduação, tendeu a se traduzir na nuclearização das moradias. Se não no que se refere à opção por moradias individuais propriamente ditas, à constituição de moradias coletivas marcadas por laços fortes entre seus membros. Se o período inicial fora marcado pela constituição de repúblicas como alternativas práticas e financeiramente viáveis ao prosseguimento com os estudos, esse segundo momento se caracteriza por uma maior valorização da adequação entre afetividade e coabitação. Os arranjos entre estudantes que compartilhavam de uma necessidade prática, a moradia de baixo custo, dão lugar a formas de coabitação pessoalizadas, em um segundo momento, e na opção por moradias individuais, mais recentemente.

O compartilhar da condição de *estrangeiros* em um novo contexto urbano se refletira na efetivação⁴ de um modo de vida próprio, caracterizado por uma mobilidade entre meios sociais demarcada por uma relação de proximidade física e distância subjetiva com relação aos habitantes nativos da cidade, sejam eles os demais estudantes da universidade ou não, bem como no estabelecimento de formas de sociabilidade e redes de relações paralelas.

quanto à realidade objetiva em que se está inserido (vide Woodward, 2000; Silva, 2000; Hall, 2000; entre outros). Neste sentido, compartilho da visão de as identidades juvenis se constroem, igualmente, na relação com o outro, a realidade vivenciada e o momento histórico específico, portanto, de que *essa vida social deve ser caracterizada por sua diversidade e não pela busca daquilo que é uniforme* (VIANNA, 1997, p. 14).

⁴O conceito de efetivação visa a apreensão de ações cuja concretização perpassa a definições da situação pelos atores em relação e os efeitos passíveis a dada forma de direcionar-se. Os regimes de efetivação, desta forma, baseiam-se em diferentes referências de bem que determinam o tipo de problemática estabelecida no questionamento sobre a efetividade das ações em dado contexto (WERNECK, 2012).

Essa tendência, por seu turno, atrelada a uma trajetória de autonomização diferenciada, demonstrara gerar conflitos entre grupos de estudantes nativos e estrangeiros, bem como desses com os demais moradores da cidade de Campos dos Goytacazes (BLANC, 2006). O precoce (do ponto de vista dos *outros*) afastamento do núcleo familiar implicando tanto em uma ampliação das suas possibilidades de ação, assim como em um processo de deterioração da imagem⁵ de tais grupos de jovens perante aos moradores nativos da cidade. Tais estrangeiros demonstraram ainda àquela época circular por um *mundo paralelo*, dotado de significados e comportamentos moralmente distantes (e aparentemente alheios) dos demais habitantes da cidade. A sua maior mobilidade se traduzira em uma circulação moralmente delimitada no novo contexto.

Observara-se como a nova cidade era percebida e apropriada de forma contingente àquele período. Em primeiro lugar porque a permanência no local estava subordinada ao calendário estudantil, dividindo-se não apenas entre períodos de aulas e férias, como em fases contínuas de afastamento dos núcleos primários de sociabilidade, mais ou menos prolongados de acordo com o calendário de avaliações acadêmicas. Típicos estrangeiros, estes vivenciavam um morar aqui (quanto à cidade onde está localizada a instituição de ensino) às vezes percebido como um morar lá (suas cidades de origem).

Da mesma forma, a circunscrição moral dos estudantes *estrangeiros* com relação aos demais fora interpretada como o reflexo da efetivação de um modo de vida tipicamente republicano, reforçando a segregação desses grupos com relação aos demais já instalados na cidade (BLANC, 2009). A condição de moradia (coletiva), a fase da vida na qual se encontravam, a autonomia que tais experiências lhe permitiam, mas, sobretudo, o estar lá que não está (mesmo efetivamente estando, já que a extensão do calendário estudantil corresponde proporcionalmente à maior parte do ano) foram percebidos como determinantes a manutenção de uma distância moral com relação os nativos, apesar da proximidade física experimentada (BLANC, 2006).

O que se pode observar atualmente é que a progressiva dissolução das repúblicas formada por meus antigos interlocutores, a pessoalização e progressiva individualização das moradias, integra o processo de autonomização potencializado a partir da saída da *casa dos pais*. Ao mesmo tempo esse fenômeno apresenta certa continuidade com relação aos modos de

⁵ Segundo conceito de Goffman, 1975.

vida republicanos, em diversos sentidos. Se os compromissos profissionais já não combinam com festas de república em dias de semana, a inserção no mercado de trabalho também não teve tanto impacto na ampliação das suas redes de relações. Da mesma forma, a nova cidade de moradia, já não tão nova assim, ainda é percebida como a cidade de outrem. A nova casa, agora habitada individualmente, ainda compete com a moradia familiar em boa parte dos casos analisados.

As informações e relatos aqui acionados correspondem à base de dados e ao produto de reflexões desenvolvidas em três diferentes fases de pesquisa, elas mesmas caracterizadas pela combinação de diferentes procedimentos de coleta de dados.

O primeiro momento (BLANC, 2006⁶) se dividiu entre um recenseamento entre os moradores de um condomínio de apartamentos localizado em frente à instituição de ensino e no qual se encontrava instalado um contingente de 20% dos estudantes ativos matriculados nos cursos de graduação da referida universidade e a realização de entrevistas semiestruturadas com os habitantes de algumas das repúblicas aqui instaladas. Através da aplicação de questionários semiabertos foi possível mapear o perfil destes grupos de jovens, bem como da composição das moradias que formavam. Posteriormente, deste contingente, foram selecionados três grupos organizados em moradias coletivas exclusivamente formadas por estudantes da graduação, uma *república* mista, uma feminina e outra masculina, e realizadas entrevistas semiestruturadas com cada um dos seus membros individualmente. Finalmente, recorreu-se a observação participante de inspiração etnográfica como ferramenta ao mapeamento das práticas de sociabilidade e organização habitacional.

O segundo momento, ou o segundo trabalho (BLANC, 2009⁷), centrou-se nas formas de circulação, nos sistemas de reciprocidade e na construção de identidades juvenis a partir da efetivação de práticas específicas a esses grupos de sociabilidade. Destacadas as moradias coletivas como núcleos de sociabilidade e lazer, e com o auxílio dos dados obtidos através da observação participante, foram selecionados para entrevistas semiestruturadas dez jovens

⁶ Trabalho desenvolvido como pré-requisito a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, sob a orientação de Wania Amélia Belchior Mesquita e com o apoio do CNPq.

⁷ Trabalho desenvolvido como pré-requisito a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação de Claudia Barcelos Rezende e com o apoio da Faperj.

que estabeleciam entre si contatos de tipo *close-knit*, correspondendo, portanto, a pontos de integração de uma determinada rede de relações (BOTT, 1971), ela mesma objeto de mapeamento e análise.

Desde então fora mantido contato entre a pesquisadora e os seus interlocutores de pesquisa, sobretudo aqueles que constituíram o segundo grupo de entrevistados, que durante mais quatro anos integraram a sua rede pessoal de relações, implicando em um convívio próximo e intenso, até o ano de 2013, e menos frequente, porém regular, desde então⁸.

O exercício de *retomada* do campo foi realizado nos últimos meses em função de uma avaliação das trajetórias de alguns dos jovens que serviram como interlocutores de pesquisa na etapa anterior. De um modo geral, alguns contatos foram mantidos e esses percursos direta e intimamente observados, não em correspondência com interesses de pesquisa a princípio, mas devido aos elos subjetivos estabelecidos entre interlocutores e pesquisadora. Assim também, o grupo inicial de interlocutores se afunilou e limitou em termos de gênero.

Um dos rapazes entrevistados na segunda etapa da pesquisa, bem como outro dos seus colegas de república, abandonou os estudos logo depois, antes de concluir a graduação. Entre os demais membros do grupo de relações observado, a maioria retornou para as suas cidades de origem⁹. Apenas um dos rapazes entrevistados deu prosseguimento com os estudos e permaneceu em Campos, mas, ao romper o relacionamento amoroso com uma das integrantes da rede de relações observada, também se tornou menos frequente nas atividades do grupo, o que dificultou o meu acompanhamento da sua trajetória.

Diferentemente, foi observada a permanência de um número considerável das minhas antigas interlocutoras na cidade de Campos dos Goytacazes após a conclusão da graduação, sejam as informantes diretas

⁸ O retorno da pesquisadora à cidade de Campos dos Goytacazes, para a realização do seu curso de doutorado fora acompanhado da entrada de algumas destas interlocutoras em cursos de mestrado (e, posteriormente, doutorado) da mesma instituição. Durante este período, o convívio com o grupo, antes estabelecido e intensificado em função da realização do trabalho de campo, se convertera, em alguns casos, no estabelecimento de relações íntimas com os interlocutores de pesquisa que se mantiveram na cidade. Ao mesmo tempo, este contato propiciou o acompanhamento dos demais jovens anteriormente entrevistados, por se tratarem estes de amigos próximos dos demais membros desta rede de relações, seja indiretamente, através de suas redes sociais, seja em encontros esporádicos envolvendo todo o grupo de relações. No ano de 2013, após a conclusão do doutorado, o distanciamento geográfico do novo local de moradia da pesquisadora e seus interlocutores tornou tal convívio menos intenso, mas este ainda é mantido com encontros regulares e ferramentas de comunicação à distância.

⁹ Refiro-me ao contato com a rede de relações estabelecida na cidade de Campos dos Goytacazes, o que afetou diretamente a manutenção regular do seu contato comigo.

selecionadas anteriormente para as entrevistas ou as suas colegas de república, membros das redes de relações cujas formas de sociabilidade foram objeto de observação. O contato mantido entre essas e as demais garotas, entrevistadas ou não para a segunda fase da pesquisa, favoreceu a manutenção do meu contato com elas e seus colegas e a coleta de dados necessária ao desenvolvimento desse artigo, envolvendo encontros mais ou menos frequentes com todos ou parte dos membros do grupo em eventos sociais amplos ou especialmente organizados com este fim¹⁰. Foram ainda realizadas conversas individuais e informais com estes interlocutores com o objetivo de remontar detalhes das suas trajetórias mais recentes, bem como os modos como são percebidas em termos de expectativas e projetos.

Quanto ao grupo de uma forma geral, aqueles que não prosseguiram com os estudos após a sua conclusão tenderam a retornar para a casa dos seus familiares, ao menos em um primeiro momento. Dentre os que se inseriram em cursos de pós-graduação ou residência em instituições de ensino situadas em outras cidades, a grande maioria optou por estudar em um local ainda mais próximo da casa de suas famílias, senão em suas cidades de origem. Quando a distância entre a nova instituição de ensino e a moradia familiar foi percebida como um entrave para o pleno andamento dos estudos, estabelecer novas moradias coletivas foi a opção escolhida inicialmente. Mas, em todos esses casos, foi observada uma tendência ao retrocesso relativo no que se refere à individualização das práticas e de circulação. O retorno à moradia familiar tendeu a ocorrer com maior frequência após esse momento, alguns dos meus interlocutores apresentando o hábito de intercalar a sua permanência nas duas moradias ao mesmo tempo: a moradia estudantil, nos dias de atividade acadêmica, e a moradia familiar, durante o resto da semana. Assim também, o retorno definitivo para a casa da família aconteceu em quase todos esses casos após a conclusão dos créditos em disciplina, atividades de pesquisa em laboratório ou do curso de pós-graduação.

¹⁰ Os membros do grupo mantem, até os dias atuais, encontros mais ou menos regulares. Aqueles que se mantiveram na cidade de campos dos Goytacazes continuaram a compor moradias coletivas ou tornaram-se vizinhos, próximos ou de apartamento, em unidades habitacionais individuais. Com os demais membros da rede encontraram-se em eventos ou datas comemorativas, como ocorrera na ocasião das suas formaturas e ainda ocorre no casamento de seus membros, em visitas ocasionais, em festas de final de ano ou eventos programados exclusivamente para este fim. Os últimos desses encontros que pude acompanhar aconteceram em janeiro e abril de 2016, o primeiro envolvendo parte considerável do grupo e o segundo, motivado por um contato estabelecido mais recentemente e por apenas parte do grupo, um número menor dos seus integrantes.

Contrariamente, observou-se que aqueles que mantiveram ou restabeleceram seus vínculos com a instituição de ensino inicial posteriormente à conclusão do curso de graduação, para a realização do mestrado, permaneceram na cidade de Campos dos Goytacazes mesmo após a conclusão da pós-graduação. Alguns deles encontram-se no segundo ou terceiro ano do curso de doutorado, outros estão inseridos no mercado de trabalho¹¹ da cidade e, dentre esses, duas se preparavam para iniciar o doutorado no momento de redação deste artigo. É observável como o desejo pela continuidade dos estudos é um elo em comum entre todos os meus antigos interlocutores que se mantiveram na cidade, incidindo sobre seus projetos de autonomização individual no que se refere à moradia e às relações familiares.

Observa-se, portanto, como o distanciamento dos núcleos familiares e primários de sociabilidade vem até então se mostrando mais eficaz em função da continuidade dos projetos de autonomização do que o prolongamento dos estudos, ou mesmo a inserção no mercado de trabalho. Retornar para a casa dos pais, definitiva ou relativamente, segundo o observado nesses casos, implica sempre em um passo atrás, em uma relativa retomada das relações de dependência (práticas, senão mesmo financeiras) e autoridade familiares vivenciadas anteriormente.

Tais idas e vindas não deixaram de ser vivenciadas durante o período anterior, sempre que retornavam para as casas das famílias nos períodos de férias, nem foram superadas por aqueles que se mantiveram geograficamente distantes, ao menos durante o período de aulas, até períodos mais recentes. O afastamento continuado, a inserção no mercado de trabalho ou mesmo a autonomia financeira também não foram capazes de provocar o rompimento subjetivo dos laços de hierarquia e apoio familiares: não se atingira a plena adulez, segundo suas próprias percepções e modos de vida.

Finalmente, remontar tais trajetórias contribui para a compreensão dos movimentos de estabilização (ou retraimento) de limites de mobilidade, não apenas geográficos, mas, sobretudo, morais, o que fica evidente na contraposição com os casos daqueles que retornaram para as suas cidades de origem. Assim também é possível observar como os processos de autonomização definitiva parecem requerer um ritual a mais para se efetivarem, ritual este subordinado não a um projeto individual de desenvolvimento

¹¹ Todos os interlocutores de pesquisa que concluíram a graduação se inseriram no mercado de trabalho para atuar na sua área de formação, como funcionários de empresas privadas, professores (concursados ou não) ou técnicos especializados.

profissional, mas a um modelo de vida a dois, assumido através do casamento ou amasiamento.

O primeiro ato: saindo de casa

Os critérios de seleção dos interlocutores responderam aos objetivos estabelecidos em cada uma das pesquisas desenvolvidas. Durante a primeira fase de coleta de dados, foram selecionados exclusivamente estudantes da graduação entre 14 e 24 anos¹² e que compunham moradias coletivas localizadas em um Condomínio situado nas proximidades da instituição de ensino. Voltada para a formação de identidades juvenis e práticas de sociabilidade a partir da experiência de coabitação estudantil, a segunda fase de coleta de dados partiu destes mesmos critérios, posteriormente abandonados em correspondência com os dados obtidos em campo.

Apreendendo a juventude como uma construção sócio histórica, situada, portanto, em termos de representações (vide ABRAMO, 1994; ARIÉS, 1981; ELIAS, 1998; entre outros), foi possível observar que, por mais que as diferenças etárias e de fase de formação incidam sobre a organização das moradias coletivas observadas, as visões de mundo desses estudantes quanto à juventude que vivenciam varia menos em termos da idade ou do estágio de formação em que se encontram do que do compartilhar de experiências comuns.

Os estudantes então entrevistados, selecionados segundo a sua participação em uma ampla e dinâmica rede de relações, tinham entre 19 e 23 anos, o mais velho deles já tendo concluído a graduação e se preparando para se candidatar para o curso de mestrado.

Esses estudos contribuíram não apenas para elucidar as características específicas destes grupos de universitários, como para evidenciar as consequências do afastamento familiar para os processos de autonomização e construção identitária vivenciados por esses atores, incidindo diretamente sobre suas experiências juvenis e sobre suas percepções sobre a fase da vida experimentada. Em um primeiro momento foi possível observar como a inserção nesta instituição de ensino surtia impactos sensíveis nas trajetórias de seus estudantes, sobretudo àqueles provenientes de outros municípios.

¹² Segundo os parâmetros de delimitação da população jovem brasileira estabelecidos pelo IBGE (2010).

A concentração da oferta institucional de cursos no período diurno (estes envolvendo um calendário de aula organizado em períodos matutinos e vespertinos ao mesmo tempo, e não um ou outro exclusivamente) impossibilita ainda hoje a manutenção da coabitação familiar mesmo para aqueles estudantes que são originários de cidades relativamente próximas¹³ a Campos. Diante da ausência de alojamentos estudantis, as moradias coletivas ainda são a alternativa mais viável à disposição da grande maioria dos estudantes provenientes de outras cidades, tanto em termos econômicos quanto práticos, já que propiciam não apenas uma redução dos custos de moradia, como do mobiliário, bem como o compartilhar de tarefas de manutenção do espaço de habitação e mesmo da companhia mútua.

Ao mesmo tempo, esta forma privada de alojamento estudantil implica em demandas por direcionamento igualmente singulares se comparadas às gratuitas, não apenas no que se refere ao seu custeio ou manutenção, como também a autogerência coletiva (quanto às *regras da casa*¹⁴) e individual (quanto às responsabilidades de cuidado de si, dos pertences e a administração das obrigações estudantis).

Este conjunto de experiências incide sobre o processo de autonomização individual, processo esse marcado por um evento central: o afastamento geográfico dos grupos de sociabilidade primários e, sobretudo, dos pais e responsáveis. Chegamos neste ponto à contraposição fundamental entre duas referências valorativas e comportamentais cuja relação de conflito e complementaridade marcará essa fase de individualização: a casa da família e a casa da república. A primeira delas assumida como um marco inicial para os meus interlocutores, um ambiente moralmente estabilizado e coerente (mas não impassível de crítica), o lugar da hierarquia familiar. A segunda percebida àquele primeiro momento como uma base instável mantida por elos efêmeros e sazonais, em processo constante de reelaboração e ajustamento, uma república em sentido estrito: “coisa pública”, comunidade de interesses e fins teoricamente pautados no consenso¹⁵.

Segundo os meus entrevistados, a moradia coletiva representara nesta

¹³ Segundo os dados obtidos no ano de 2006, *três quartos dos alunos da universidade são originários de cidades num raio de menos de 150 km* (BLANC, 2009, 40).

¹⁴ Mais detalhes em Blanc 2006 e 2009.

¹⁵ Foi possível observar na constituição das moradias coletivas como a legitimação interna de lideranças grupais participa do estabelecimento das regras de coabitação, mediação dos conflitos, etc.; bem como mapear as regras do jogo que incidem sobre a legitimação de determinados membros como líderes em detrimento de outros (BLANC, 2006).

fase uma extensão de sua própria casa, da casa da família, uma espécie de extensão do quarto do filho ou filha que sai de casa. Mas uma extensão relativamente independente do resto da casa, mais precisamente um *puxadinho* no fundo de um quintal a quilômetros de distância.

O reconhecimento deste espaço é parte dos novos arranjos aos quais todos devem se adaptar diante da necessidade de afastamento geográfico. O mesmo não significa que tal ampliação da autonomia juvenil se dá sem conflitos ou resistências, a questão é que integram os processos de construção de si e que se mostraram coerentes com os projetos familiares. Observara-se ainda neste primeiro momento de análise como a integração destes projetos individuais aos projetos coletivos (neste caso, familiares) fora fundamental à sua realização, não apenas no que se refere ao seu sustento econômico, quanto ao apoio emocional. Foi possível observar como boa parte dos meus interlocutores que abandonaram os estudos ainda na graduação o fez com o incentivo de seus pais ou responsáveis, alegando dificuldades financeiras, problemas familiares de tipos diversos e, em grande número, a dificuldade em lidar com o próprio distanciamento.

Espaço individualizado com relação à casa familiar, a república deve ser respeitada. Neste local o jovem exercita uma maior liberdade, é lá que estão guardados os seus segredos e aonde age em segredo. Quando este quarto se limita ao que está no fim do corredor, compartilhando o acesso da própria casa, é mais fácil controlar quem circula por ele, o que acontece lá dentro, seus sons e odores. Mas, a 150 km de distância, este se torna um refúgio, onde as liberdades são maximizadas. É exatamente no momento de retorno para a casa, ou diante das tentativas de manutenção das relações anteriores à saída de casa, que os conflitos emergem.

Progressivamente as repúblicas estudantis subverteram entre meus interlocutores as diferenciações entre a *casa da família* e o local de moradia como referencial acionado nos diálogos cotidianos. O uso da expressão *minha casa* passa a envolver sempre a partir daí uma complexa cadeia de significados, redefinidos em cada situação. A estruturação da moradia, o estreitamento das relações com os colegas de apartamento, assim como a adaptação ao novo contexto culminara com o reconhecimento pelos jovens da república como um espaço individualizado em relação à casa dos pais. Mesmo se tratando de uma moradia compartilhada entre estudantes, dependentes financeiros do auxílio dos pais ou responsáveis, consideraram-na em princípio como algo próprio: Aqui é nosso. Eles só se preocupam [os pais] com relação a contas e o aluguel, porque

são coisas que tem que ter em dia... Fora isso, o que acontece aqui dentro é responsabilidade nossa. (Ana, 20 anos¹⁶).

O caráter coletivo com que se constituíram essas moradias, senão a efemeridade típica às suas composições¹⁷ não favorecera a sua efetivação como a *casa* principal, mesmo que correspondessem ao local de moradia ao qual habitavam durante a maior parte do ano. *Voltar para casa* fora sinônimo de proveito do tempo livre, migração sazonal cuja periodicidade correspondia ao calendário letivo. Neste caso, o termo *casa* se refere ao espaço de moradia familiar, em oposição (senão complementaridade) com relação à *república*, um espaço individualizado, mesmo que coletivo.

Esse coletivo-individual se opõe ao coletivo-familiar. É tão público quanto privado. Contexto de cultivo de si, de autonomização individual, e ao mesmo tempo espaço de sociabilidade grupal, de restabelecimento das redes de relações no novo contexto de moradia. É cafeteria, casa de festas, sala de estudos e é *casa*. Não é a única casa onde se mora ou para aonde se retorna, mas uma casa que é *nossa*, e é muito *minha*, do ponto de vista de quem a “possui”.

Observou-se que a formação das moradias coletivas, ou a integração a uma delas, se efetivara através de saberes compartilhados, diferenciadores e integradores. Espaço de troca de saberes e de compartilhar de uma condição complexa em suas peculiaridades. Espaço de estabelecimento de uma atmosfera de familiaridade em um contexto de relativa impessoalidade. Um lugar para se chamar de seu em uma cidade que é percebida como dos outros.

Ao mesmo tempo, a efetivação deste espaço está atrelada a uma mudança de posicionamento por parte daqueles que o habitam, comportamento que deve ser condizente com a nova condição, bem como com as responsabilidades que ela exige. Compartilhar das responsabilidades, por outro lado, não era mais importante do que compartilhar de um sentimento comum, de um apego comum. Compartilhar é seguir as regras, os modos de vida e as percepções sobre o espaço:

Desde cara eu e Lílian se demos muito bem, já a terceira não... [...] Ela era muito dependente da mãe e a mãe não queria largar ela aqui, praticamente morava junto com a gente, e não era isso que a gente

¹⁶ As idades correspondem ao momento de concessão da entrevista.

¹⁷ Entre todos os estudantes ou grupos de estudantes analisados nos diferentes momentos de pesquisa apenas uma república se manteve intacta durante todo o processo de formação superior dos seus integrantes.

queria [...] De repente ela começou a trazer a família toda pra cá, sabe? E não era isso. Era república, e ela não morava sozinha. (Marina, 21 anos).

Mas se deve compartilhar também de uma experiência que, vivida em coletivo, é individual. Empreender um projeto de diferenciação, uma luta pelo reconhecimento, por parte dos pais e responsáveis, do desenvolvimento de determinadas competências:

Eles [os pais da moça] sempre me ligam, sempre... Teve uma época que eles estavam desconfiados, que eles me ligaram e eu tava na casa até de um ex meu lá... e meus pais não sabiam e eu não sabia nem o que falar [...] aí depois disso ela [a mãe] me ligava em horários alternados, pra ver se me pegava. Ela ligava aqui em casa e ligava no meu celular. (Marina, 21 anos).

Como em um cabo de guerra, pôde-se observar a luta por espaço e privacidade encampada nestes primeiros momentos. O cuidado, posteriormente apreendido como intromissão, tornou-se alvo de resistência, as estratégias de controle se traduziram em um enfraquecimento progressivo da autoridade familiar. E, ao afastarem-se, os próprios familiares estimularam os filhos a desenvolver responsabilidades frente às adversidades relacionadas ao novo contexto.

A constituição das moradias coletivas e, portanto, o afastamento dos núcleos familiares fora um elemento potencializador do processo de autonomização individual destes jovens. Tanto e de tal forma que a obtenção de uma renda insuficiente para o seu próprio custeio permitiu a muitos dos meus interlocutores sentirem-se e dizerem-se independentes¹⁸.

É importante destacar que nenhum dos meus interlocutores adquiriu independência financeira ainda durante a graduação. A maioria deles obteve bolsas durante este período e as manteve durante boa parte do tempo, senão todo o seu processo de formação superior. Assim como o destacado anteriormente, a organização da carga horária de aulas dificulta sobremaneira a conciliação entre os estudos e o trabalho extramuros, para os estudantes matriculados em cursos

¹⁸ Refiro-me aqui àqueles que, beneficiados por bolsas de diferentes modalidades, traduziram as atividades realizadas como trabalho e a experiência vivida como símbolo de autocusteio, se não plano, ao menos relativo. Neste sentido, se contavam com os seus responsáveis para o pagamento das contas do apartamento, a renda obtida com as bolsas lhes permitia uma maior autonomia no que se refere ao acesso a atividades de lazer e a práticas de consumo ampliadas (BLANC, 2009).

diurnos, e esta prática demonstrou ser particularmente impopular entre esses estudantes. As bolsas estudantis representavam assim um papel fundamental para os meus interlocutores, tanto em termos de complementação de renda quanto de experiência profissional (em iniciação científica ou monitoria).

A condição de vida no novo contexto de moradia fomentara a construção de seu modo de vida e percepção de si e ao mesmo tempo o retorno para a casa dos pais, mesmo que sazonal, lhes imputava um relativo retrocesso neste sentido. Retomar as suas trajetórias após a graduação é também observar as cenas dos próximos capítulos.

O segundo ato: ficar ou voltar, eis a questão

A conclusão das pesquisas realizadas entre os anos de 2005 e 2009 não implicou na interrupção completa do convívio com os jovens interlocutores de pesquisa. O convívio durante o trabalho de campo contribuiu para o estreitamento das minhas relações com alguns dos membros do grupo a partir do qual foram selecionados os entrevistados na segunda fase de pesquisa. Finalmente a própria pesquisadora tornou-se parte do grupo e assim se manteve, podendo ainda acompanhar a sua reconfiguração. O mesmo convívio no contexto dos espaços de lazer *uenfianos* propiciou o acompanhamento das trajetórias de alguns dos interlocutores de pesquisa da primeira fase, estes com maior distanciamento. Agora esses dados serão aqui avaliados com o objetivo de apreender as trajetórias percorridas por estes jovens (adultos), (não necessariamente) estudantes, desde então. Aproveito também para questioná-los sobre alguns dos pontos de interesse aqui assumidos.

Alguns anos se passaram, tempo suficiente para que todos os meus interlocutores de pesquisa concluíssem a graduação, com exceção daqueles que a abandonaram. Observa-se primeiramente que todos aqueles que permaneceram na cidade após o fim do curso fizeram pós-graduação na mesma instituição de ensino, todos eles, igualmente, já concluíram o curso de mestrado. Destes, agora já mestres, nenhum retornou às suas cidades de origem, tendo se inserido no mercado de trabalho em Campos dos Goytacazes e/ou iniciado o curso de doutorado.

Das três integrantes da república *Pink*¹⁹, apenas Dani permanece em

¹⁹ Principais interlocutoras de pesquisa durante os anos de 2006 a 2009, Dani, Juliana e Patrícia foram também as minhas anfitriãs durante os períodos de trabalho de campo.

Campos, após um intervalo de seis meses em que retornara para a casa dos seus pais, entre a sua formatura e o início das aulas do mestrado, período durante o qual trabalhou em uma escola próxima a casa da sua família. Ainda durante o mestrado a moça fez um concurso para rede pública de ensino, foi chamada para trabalhar e está lotada na coordenadoria estadual de educação de Campos dos Goytacazes. Tendo concluído mestrado em meados de 2013, ela se inscreveu na seleção de alunos para o doutorado no final do mesmo ano, não obtendo aprovação. Aprovada no ano seguinte é atualmente aluna do doutorado na mesma instituição. A sua trajetória de fixação na cidade é muito elucidativa dos casos que articulam interesses profissionais de trabalho e formação. Filha de professora da rede estadual de ensino do Estado Rio de Janeiro, Dani optou por prestar concurso para Campos, ao invés de fazê-lo para a sua cidade de origem, localizada mais perto da capital do Estado.

As estratégias assumidas por ela desde então reforçam uma articulação de interesses que tem a instituição de ensino originária (onde realizou não apenas a graduação, como também o mestrado) como referencial principal. Nada a impediria de conciliar o trabalho em sua cidade de origem com o doutorado em uma instituição carioca, ou mesmo em Campos dos Goytacazes. Um concurso para o Rio facilitaria ainda mais as coisas, implicando por outro lado em gastos com moradia significativamente mais altos. Mas a permanência na cidade, agora devido também ao trabalho, pode ser percebida como atrelada a uma espécie de evitação do retorno à casa familiar, senão à cidade de origem.

Dentre as suas antigas colegas de república, Juliana voltou para a casa dos pais imediatamente após a conclusão dos créditos e defesa da monografia (o que a obrigou, inclusive, a emprestar um apartamento para hospedar seus familiares no dia da festa de formatura) e lá permanece, mesmo após a sua inserção no mercado de trabalho. Juliana atualmente organiza a sua festa de casamento, com o namorado conhecido ainda na graduação, e só então deverá sair da casa dos pais²⁰. Patrícia fez residência e posteriormente mestrado em uma universidade cuja localização fica a 70 quilômetros de sua cidade de origem e estabeleceu uma nova moradia coletiva. Durante esse período relata ter conciliado a nova moradia com a casa dos pais, compatibilizando as atividades profissionais na sua cidade de origem e as atividades da pós-graduação. Ao contrário da continuação com os estudos mantê-la fora da casa da família, a inserção no mercado de trabalho a trouxe de volta, ao menos em um primeiro momento. Assim como na época da graduação, o calendário de aulas continuou

²⁰ O casamento ocorreu no início deste ano.

a determinar a sua permanência na cidade na qual está localizada a instituição de ensino, e não o contrário, com relação ao local de trabalho e a casa da família²¹.

Antiga integrante de outra república e colega de turma de graduação de Patrícia, Letícia, assim como Juliana, também optou por trabalhar imediatamente após a conclusão da graduação e, mesmo empregada, não estabeleceu moradia própria, nem uma nova moradia coletiva²². Retornou para a sua antiga casa, onde mora a sua mãe, até se casar no final de 2013.

O *retorno* de Grazielle para a casa da família acompanhou a sua entrada para o curso de mestrado (em uma instituição próxima à sua cidade de origem), se manteve estável após o início do doutorado e, segundo as suas expectativas, será igualmente o casamento o marco definitivo do seu ritual de *saída de casa*.

Lídia começou a trabalhar assim que concluiu a graduação, também retornando para a casa dos pais. Iniciou e concluiu nos últimos anos um curso de licenciatura em uma área afim à sua formação inicial e se prepara para fazer uma pós-graduação. Questionada sobre sua trajetória desde a nossa última entrevista, Lídia faz questão de destacar que *voltar p casa dos pais eh uma merda*. Em seguida, reclama: *eles pensam q eu tenho 17 anos ainda!! Estou doida p morar sozinha, só me falta estabilidade financeira*²³! Os projetos seus individuais, destaca a moça, se chocam com a manutenção de um padrão de vida que a sua carreira ainda não é capaz de sustentar, senão objetivamente, ao menos não de forma estável.

Entre os jovens que não permaneceram em Campos foi possível observar não apenas uma tendência ao restabelecimento da coabitação com os familiares, como uma ausência de perspectiva de saída em curto prazo que não se subordine a projetos conjugais. Ao contrário daqueles que permaneceram em Campos para a realização do curso de mestrado, ou mesmo em outras instituições de ensino, estes estão de volta às residências familiares há dois, senão três anos em média,

²¹ Entre a submissão deste artigo e a sua reelaboração para publicação, Patrícia alugou um apartamento, em um local mais próximo àquele aonde agora trabalha, na cidade onde mora o seu atual namorado. Segundo o próprio rapaz, que me recebeu recentemente, na ocasião em que os visitei, ele passa boa parte do tempo no apartamento com ela, compartilhando ao menos a responsabilidade do cuidado do cachorro. Não “foram morar juntos”, mas de algum modo experimentam a vida a dois, em correspondência com as considerações esboçadas ao final deste artigo, desde seu primeiro momento de elaboração.

²² Ambas as moças exercem atividades profissionais na sua área de formação, como funcionárias de empresas privadas.

²³ Relatos obtidos através de uma ferramenta de bate-papo disponibilizada em uma rede social e cuja reprodução corresponde literalmente aos termos utilizados pela entrevistada.

e ainda não sabem quando poderão finalmente estabelecer uma moradia própria (não me refiro aqui ao morar só em si, mas à constituição de espaços de habitação próprios, diferentes das suas casas de suas famílias).

É interessante observar como o afastamento familiar mostra-se ainda mais compatível com a continuidade do processo de autonomização individual do que a continuidade dos estudos ou a própria inserção no mercado de trabalho. Casos limites são aqueles nos quais os meus interlocutores de pesquisa estabeleceram matrimônio ou quando têm a perspectiva de fazê-lo em curto prazo, tal evento simbolizando para eles o ritual definitivo de autonomização individual.

Aqueles que se mantiveram em Campos dos Goytacazes para a realização do mestrado experimentaram ainda uma condição de relativa instabilidade durante este período. Este se trata de um curso curto, cuja duração representa em média a metade do tempo necessário para a obtenção do diploma de graduação. Seja para aqueles que já pretendiam prosseguir com os estudos e fazer um doutorado ou não, a certeza da conclusão do mestrado os manteve durante os últimos anos diante de uma nova tomada de decisão iminente: estudar, trabalhar, ficar, voltar, ir para outro lugar... Mas tal condição não os impediu de avançar no processo de autonomização.

Progressivamente, esses reorganizaram as suas moradias coletivas juntamente com colegas com os quais estabeleciam uma relação de afeto, acima de tudo. Se nos primeiros anos de república os membros eram substituídos ou inseridos graças a cartazes espalhados pela universidade oferecendo “vagas”, tais estratégias foram substituídas por arranjos entre pessoas próximas entre si.

Atualmente, tanto aqueles que se encontram matriculados em cursos de pós-graduação quanto os demais, hoje profissionais inseridos no mercado de trabalho, abandonaram as moradias coletivas e estabeleceram moradias individuais. E a maioria assume ou ao menos demonstra contar, em maiores ou menores proporções, com formas indiretas de auxílio familiar, senão para o seu custeio propriamente dito, para a conquista de bens ou a realização de objetivos de consumo e formação.

O que se observa entre aqueles que se mantiveram na cidade é uma ainda maior ampliação da sua autonomia com relação aos pais e responsáveis, processo este potencializado, por outro lado, pelo próprio apoio familiar. Se o retorno para a *casa dos pais* representa um relativo revigoramento das relações de hierarquia familiares que freia, senão regride, no que se refere ao

reconhecimento da autonomia individual anteriormente conquistada, a estabilidade do afastamento pós-formação superior implica na sua intensificação. Se antes tal *apoio* se traduzia no total custeio das despesas, agora vem em forma de férias em família sem custo, mobiliário novo, meio de transporte individual ganho de presente... Se antes seus pais e responsáveis foram fundamentais para a realização dos projetos, agora se mostram fundamentais para a garantia de que tais projetos, já em parte ou completamente concretizados, sejam percebidos como bem sucedidos, seja por eles mesmos, por seus novos pares, ou antigas redes de relações: *Fulano(a) agora mora sozinho(a), ele(a) tá trabalhando (ou fazendo mestrado) em Campos*, dizem seus pais muitas vezes e em tom de orgulho.

Entre aqueles que permaneceram em Campos a moradia coletiva foi sendo substituída progressivamente por habitações individuais, o *modo de vida uenfiano* já não se mostra compatível com os seus compromissos profissionais atuais, ou mesmo com os seus gostos e interesses. Novos amigos foram agregados às redes de relações, por outro lado, estes mantêm as mesmas características dos primeiros vínculos estabelecidos no novo contexto: são estrangeiros cujo processo migratório deu-se em função da vinculação à instituição de ensino (ainda atual ou pregressa). Com muitos desses, compartilham de uma trajetória marcada pela experiência de moradia em repúblicas universitárias e apresentam práticas de sociabilidade que correspondem a um modo de vida estabelecido a partir destes mesmos referenciais. De uma forma ou de outra, na cidade apenas progridem em uma carreira moral marcada por sua condição de estrangeiros e cuja superação não parece estar próxima.

Em conformidade com essa realidade é interessante observar como os meus antigos interlocutores mantêm práticas de sociabilidade e convívio muito similares àquelas vivenciadas nas repúblicas: três delas moram sozinhas em quitinetes localizadas em um mesmo prédio. Se a antiga rede de relações se modificou a partir do retorno dos demais colegas para as suas cidades de origem e da sua ampliação entre novos conhecidos, não apenas os perfis dos seus membros se mantêm, bem como as estratégias de sobrevivência coletivamente acionadas. Foi através da própria rede que os apartamentos foram “descobertos” e suas vagas ocupadas.

O prédio habitado por essas meninas é formado por dez moradias individuais, todas ocupadas por estudantes. Se antes a sala da república era o espaço de convívio e troca, agora os corredores do prédio assumem essa função.

Recebimento de entregas por correio, empréstimo ou compartilhamento de alimentos, troca de informações e vínculos afetivos são construídos e mantidos nesses espaços. As moradias atuais refletem um processo de individualização em estágio mais avançado, bem como as limitações vivenciadas ainda hoje no que se refere ao estabelecimento de laços sociais entre nativos e *estrangeiros*.

Terceiro ato: tô só ficando...

Nos primeiros anos de moradia em Campos foi possível observar como, ao se moverem no novo contexto de socialização, estes jovens tinham as suas inserções nas situações definidas pela não fixação. Viviam àquela época uma relação contraditória na qual, com seus conterrâneos, mantinham uma relação de distância e proximidade, distância física e identificação subjetiva, e com os nativos de Campos estabeleciam uma relação ao mesmo tempo próxima (quando colegas de classe ou companheiros de instituição de ensino) e distante, numa forma específica de socialização marcada pela proeminência de uma cultura objetiva. Estavam já inseridos ao novo contexto quando entrevistados pela primeira vez²⁴, mas mantinham com os demais estudantes não moradores de república laços apenas superficiais. A forma como se relacionavam com os demais moradores nativos da cidade, por fim, não se caracterizava por um elo dependência, mas sim de contingência (nos termos de SIMMEL, 1983):

O pessoal campista da faculdade é maneiro, mas se você for no comércio ou na rua, gente, que pessoal estranho! [...] De outros cursos são poucos que eu conheço, porque eu vou pouco às festas, não gosto muito. Então fica difícil conhecer as pessoas, só conheço fulano, que foi amigo de sicrano, que é amigo de beltrano (Ana, 20 anos).

A centralidade do contexto de moradia (coletiva), dos espaços de sociabilidade tipicamente *uenfianos* e da própria instituição de ensino como referencial identitário e de estabelecimento de relações mostrou-se evidente entre os jovens entrevistados, daí o distanciamento com relação àqueles que não circulavam por esses espaços cotidianamente. Mais do que o pertencimento institucional, o compartilhar da experiência de moradia em república

²⁴ Em ambos os momentos de pesquisa anteriores foram entrevistados estudantes de graduação que já haviam cursado ao menos os três primeiros períodos do curso e se encontravam no máximo no penúltimo ano.

demonstrou ser o principal elemento de identificação entre novos pares, apesar dos esforços em demonstrar o contrário, já observado anteriormente:

Ao descrever seu grupo de colegas de classe, Luiza destaca a presença de alunos de Campos: “A maioria, assim, por perto daqui. De Cambuci, Itaocara, São João da Barra. É mais aqui da redondeza. E tem também campista” (Luiza, 20 anos). Ao mesmo tempo, estes jovens não são citados como seus amigos íntimos (BLANC, 2009, p. 68).

Foi possível observar como no estabelecimento de um novo estilo de vida esses estudantes recriaram suas redes de relações, dotando-as de uma identidade coletiva alicerçada por um complexo construto simbólico e prático. Estratégia de adaptação ao novo espaço urbano, a legitimação de locais de lazer típicos se deu no entorno da universidade, envolvendo bares, academias e as próprias moradias.

O distanciamento moral entre os grupos se associou finalmente às contradições entre um calendário de eventos de lazer que correspondia ao calendário de permanência na cidade e, portanto, de aulas. As experiências singulares que marcavam as suas trajetórias os afastara subjetivamente dos demais colegas de “turma”.

Mas tais hábitos já não condizem com os compromissos profissionais assumidos atualmente por meus interlocutores. Se não para os pós-graduandos, ainda menos para os trabalhadores. Se a frequência à universidade diminuiu²⁵ para os primeiros, a flexibilidade de horários é ainda menor para os segundos. Seja por uma razão ou pela outra, senão pelo simples desinteresse adquirido progressivamente por esses eventos de lazer, os hábitos mudaram. Assim como as possibilidades de consumo, ampliadas pelos salários ou bolsas de pós-graduação. Por outro lado, as redes, mesmo ampliadas, mantêm as mesmas características, bem como continuam a exercer um mesmo papel prático.

Se a fronteira era moralmente marcada entre grupos por uma a condição de vida específica, a conclusão da graduação e a sua permanência em Campos deveria culminar na formação de grupos de relações progressivamente mais diversificados em termos de composição. Contrariamente, o que é possível

²⁵ É fundamental ressaltar que a carga horária em sala de aula da pós-graduação é consideravelmente reduzida se comparada à graduação, o período dedicado às atividades intramuros sendo um pouco mais significativo apenas entre aqueles cujos trabalhos exigem experimentos em laboratório.

observar após mais de seis anos (e em média quatro anos após a conclusão de seus cursos de graduação) é que aqueles que prolongaram a sua permanência na cidade continuam apresentando uma tendência a restringir suas redes de relações ao convívio com antigos e novos colegas *estrangeiros*, senão sobretudo estrangeiros *uenfianos*. O estabelecimento e a estabilidade dos relacionamentos afetivos são marcas dessa tendência.

Se enlaces breves entre membros dos dois grupos aconteceram, tais ocorrências são marcadas pela intermediação de colegas ou por encontros transcorridos nos espaços de lazer típicos aos estudantes, não se estendendo espacial ou temporalmente. Os relacionamentos duradouros estabelecidos por meus interlocutores ao longo de todos esses anos ocorreram exclusivamente entre seus pares, sejam outros estudantes universitários estrangeiros na cidade, quando os encontros foram estabelecidos em Campos, ou com moradores de suas cidades de origem.

Juliana começou a namorar Thales durante a graduação, ambos se formaram na UENF e estão noivos. Dani namora Ramon desde a graduação e hoje ambos estão na pós-graduação. Patrícia namorou Diego durante boa parte do tempo em que permaneceu na cidade, o rapaz hoje faz doutorado e o relacionamento dos dois acabou meses após ela começar o curso de residência em Niterói. Gizele vai se casar com um conterrâneo e Letícia já está casada. Os exemplos poderiam se seguir infinitamente, remontando a relação afetiva e os pertencimentos assumidos, sendo observáveis raras e efêmeras exceções.

A diversificação das redes de relações vem se caracterizando, ainda hoje, pela circulação de diferentes jovens em passagem pela instituição de ensino. As redes se ampliam entre os novos colegas de mestrado ou doutorado, se fragilizam diante do retorno destes para as suas cidades de origem. Ano após ano, apesar das experiências profissionais extramuros, *uenfianos* e mais *uenfianos* se agregam. Em casos extremos, colegas de curso conhecem amigos de colegas de curso e eventualmente se tornam amigos. Os laços estabelecidos no interior desses grupos ainda se apresentam como os mais fortes, desde os colegas republicanos até estudantes não republicanos, passando pelos demais estudantes-migrantes presentes na cidade e vinculados a outras instituições de ensino superior.

Luiza tem *várias* amigas que não são da UENF. Conheceu Nicole através de uma amiga (da UENF) e hoje Nicole é *super sua amiga*. Nicole mora em Campos desde que concluiu a faculdade (cursada na mesma cidade, em outra instituição) e trabalha em município vizinho. As meninas têm quase a mesma

idade, são ambas estrangeiras na cidade, solteiras, distantes da família... uma já visitou a família da outra, inclusive. Talvez não sejam amigas há mais tempo, mas compartilham de um mesmo modo de vida. Aproximam-se em experiências. Amigos nativos de Campos? Luiza certamente mencionará algum. Nenhum dentre os que frequentam suas festas de aniversário. A percepção de que a rede de relações estabelecida é ampla e flexível, já observada na segunda fase da pesquisa (BLANC, 2009) remete a contatos diversificados e a citação de nomes de pessoas que não possuem um vínculo com a mesma instituição de ensino, mas que são pouco presentes em suas vidas cotidianas.

A pesquisa mais aprofundada permitiu através do mapeamento dessas redes de relações identificar os processos através dos quais os próprios membros do grupo mediam encontros entre si, em uma forma de diversificação endógena de contatos. O acompanhamento contínuo dessas trajetórias e a participação observante em eventos e encontros promovidos por esses atores reafirmaram a baixa diferenciação dos presentes e a relação direta entre a correspondência entre trajetórias e a consolidação dos partícipes como membros do grupo. Os relacionamentos estabelecidos entre (ex) republicanos e nativos da cidade, portanto, refletem a consolidação de contatos promovidos no interior da instituição de ensino superior, assumem um caráter individualizado com relação aos grupos de relação republicanos mais amplos, e são secundários do ponto de vista da manutenção das rotinas práticas vivenciadas na cidade.

Se não mais no interior das repúblicas, é nas conexões entre as moradias, agora individualizadas, simbolizadas pelo corredor do prédio ou pelos laços afetivos que conectam essas pessoas, que são garantidos os meios de sobrevivência prática dos meus interlocutores. Entre essas pessoas são estabelecidos novos referenciais de agenciamento, são essas as pessoas que darão suporte cotidiano umas para as outras e é entre aqueles que correspondem a esse mesmo modelo ou trajetória de vida que se estabelecem os relacionamentos amorosos.

Considerações finais

São delimitados dessa forma novos modos de vida e redes de sociabilidade autônomas com relação àquelas estabelecidas anteriormente ao afastamento familiar. Assim como as quitinetes representam em alguns dos casos aqui analisados um passo à frente no processo de individualização desses

atores, os laços sociais estabelecidos ainda no contexto das repúblicas universitárias sustentam esses projetos, conferindo-lhes apoio logístico e suporte emocional. Ao mesmo tempo, ao invés de se concretizar como um processo definitivo de individualização, o atual estágio apresentado por essas trajetórias ainda é marcado pela participação ativa dos grupos familiares na realização dos projetos individuais.

As fases iniciais de afastamento do núcleo familiar e o período de realização dos cursos de graduação foram caracterizados por uma dependência financeira em função do custeio da moradia dos estudantes. Por outro lado, naquele primeiro momento, a renda obtida com bolsas estudantis de baixo rendimento era percebida por eles como símbolo de uma suposta independência financeira que, insuficiente para o custeio dos seus gastos básicos, lhes permitia uma maior autonomia de ação (assim como o demonstrado em BLANC, 2009).

Após a conclusão do curso de graduação, essa independência financeira fora finalmente alcançada, ao menos no que se refere aos seus gastos básicos, a participação dos pais e familiares se tornando apenas um suporte complementar. Agora a “ajuda” da família propicia alguns a adquirir meios de transporte individuais, a outros um novo sofá. Mais do que evidenciar limitações financeiras, essas formas de participação familiar contribuem para a ampliação do potencial de consumo desses atores, não sendo percebidas como evidências de uma dependência financeira nem objeto de estratégias de superação dessas limitações. A casa dos pais, finalmente, se mantém como um referencial: é para lá que costumam ir durante as férias, feriados e *sempre que possível*. Se essa frequência se reduz, é devido ao calendário de trabalho ou às maiores oportunidades de viajar com os amigos, reflexo do maior potencial de compra adquirido. Assim também se mantém a prática de trazer alimentos prontos da casa da família, senão contar com agrados que contribuem para uma diversificação alimentar. São novos potenciais maximizados por antigas lógicas.

Aqueles que retornaram para suas cidades de origem entre os meus antigos interlocutores de pesquisa retrocederam de alguma forma no interior desse processo de individualização. Simbolizado pela nova condição de coabitação intergeracional, esse fenômeno inferiu no restabelecimento relativo das relações de hierarquia, gerando conflitos entre as percepções de si construídas durante o período de afastamento familiar e a posição que ocupam, agora novamente de forma cotidiana, nas redes de relação familiares. Se por um lado a opção pelo retorno se deu por questões diversas, as limitações financeiras são a justificativa mais recorrente para a não superação dessa realidade. Seja

porque a habitação na cidade de origem para a qual retornaram exige gastos que não poderiam sustentar sozinhos, seja porque a moradia na casa da família implica em uma economia de gastos, bancar o autocusteio não se apresenta como uma escolha em curto prazo.

A crise declarada nesse caso, por outro lado, chama atenção para as dificuldades de convívio com os familiares, e não para a insatisfação profissional ou salarial. Os momentos de prazer e proveito vivenciados nos finais de semana em família ainda durante a graduação cedem lugar à rotina da vida em conjunto e as dificuldades em negociar a o reconhecimento da sua individualidade, ou mesmo autonomia relativa. Do ponto de vista desses interlocutores, o problema não está em morar junto, mas em não poder dar seguimento ao ritmo de vida estabelecido anteriormente.

O momento atual vivenciado por alguns dos meus interlocutores coloca em evidência aquela que parece ser a dimensão central aos seus processos de individualização: o casamento. Essa é a única estratégia acionada pelas minhas interlocutoras de volta a *casa* em favor da sua nova saída da moradia familiar e parece ser percebida como um marco ao estabelecimento de uma casa própria “propriamente dita” entre todos os demais. Letícia já a concretizou, Juliana e Gizele se preparam para fazê-lo, para Lídia, esse parece ser o único caminho. Mesmo entre aquelas que permaneceram em Campos e que agora moram sozinhas, as quitinetes continuam apresentando o caráter intermediário entre as repúblicas e a casa dos familiares.

O cômodo único, de proporções limitadas e mobiliário modesto não substitui a casa da família como um referencial, seja de origem, seja de moradia definitiva. A expressão *ir para casa* continua significando ir à casa dos pais, o *ficar em casa* nas férias, por exemplo, se diferenciando substancialmente do *ficar em Campos* no final de semana, expressão que confere destaque para as percepções que ainda vigoram com relação ao já não tão novo espaço de moradia.

A dificuldade em estabelecer laços duradouros com moradores nativos da cidade de Campos dos Goytacazes e a manutenção de um estilo de vida e moradia cujas práticas cotidianas se diferem das desses colegas refirma a centralidade das redes de relações estabelecidas ainda a partir das repúblicas estudantis. Assim também os hábitos adquiridos e mantidos durante esse período se reproduzem mesmo após a constituição das habitações individualizadas. Por mais que os processos de autonomização tenham sido intensificados, se mantém uma relação dúbia com os referenciais familiares. Se

a relação de autoridade tende a se flexibilizar cada vez mais nesses casos, as percepções de si, da moradia individual e do novo contexto de habitação ainda não refletem uma possível concretização definitiva do processo de autonomização.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. "Contexto Histórico e condição juvenil". In: _____ . *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALMEIDA, Loriza Lacerda de. A juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*: Coimbra, 2004.
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1981.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1976.
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Tradutor: Donaldson M. Garschagem. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOMENY, Helena. A Reforma Universitária de 1968 25 anos depois. Estudantes Universitários e o Trabalho. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Nº 26 ano 9. ANPOCS, 1994.
- BOTT, Elizabeth. Family and social network. Roles, norms, and external relationships in ordinary urban families. Second edition. London: Tavistock Publications, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato (org.) - Bourdieu, *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n.39, São Paulo, Ática, 1983a.
- _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983b.
- CARDOSO, Ruth C. L. e SAMPAIO, Helena. Estudantes Universitários e o Trabalho. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Nº 26 ano 9. ANPOCS, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger: an analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge & Kegan Paul Limited, 1979.
- ELIAS, Norbert. *La civilización de los padres*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1996.

- GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*: estudo sistemático da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez, parto, nascimento, infância, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis, Vozes, 1977.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart (Orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LINS DE BARROS, Myrian Moraes. “Do Mundinho Fechado ao universo quase infinito: negociando a saída de casa”. In: Alda Britto da Motta (org.) Dossiê: Gênero, idades e gerações. *Caderno CRH*. Vol. 17, nº 42 – set./dez. 2004.
- MATOS, Marlise. *Reinvenções do Vínculo Amoroso: Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora IUPERJ, 2000.
- MÜLLER, Elaine. Palavras nunca voltam vazias: reflexões sobre classificações etárias. IN: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza e FERREIRA Jr., Edísio (Orgs.) *Jovens e Juventudes*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005.
- SIMMEL. O estrangeiro. Evaristo Moraes Filho (Org.) Florestan Fernandes (Coord.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Vol. 34. São Paulo: Editora Atica, 1983.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SINGER, Paul. “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”. ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade: uma introdução teórica e conceitual. IN: _____. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VELHO, Gilberto. Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias. In: *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares – Dossiê Comportamentos Familiares*. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ, 2001.
- _____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- _____. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VELHO, G., Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.
- VIANNA, Hermano. (Org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- VIEIRA, Joice Melo. Transição para a vida adulta, família e curso de vida. *Anais*

da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiás, 2006.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1982.

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000

Youth individualization: a study in trajectory between (former) residents of student republics

ABSTRACT

This article analyses the social trajectory of young college roommates and the individualization process experienced by them in the moment they leave their core family. The data studied in this paper has been collected by surveys conducted between 2005 and 2009 targeting young students of one of the previously analyzed social relations networks living in college apartments and their subsequent return to the family/individual dwellings. After the field research, it has been verified that the act of returning to the family homes is associated with the stagnation or decline of the individual empowerment process among college students, while the act of staying in the city in which students accomplished their M.A. and/or the act of developing a new undergraduate course has intensified the individualization process.

Keywords: Students housing, individualization, relations network, family.